

# Família tem o seu próprio "condomínio" em invasão

DÉBORA AMORIM

**ATRÁS DOS MOTÉIS E POSTOS DO NÚCLEO BANDEIRANTE, GENTE QUE FUGIU DA SECA DO NORDESTE SONHA COM UM LOTE NO DF**

Luciene de Assis

**D**amiana Galdino da Silva, 59 anos, mora com o marido, José, numa invasão instalada atrás dos muros dos postos e motéis do Núcleo Bandeirante. Também vivem ali os dez filhos de Damiana com suas respectivas famílias. É gente que não acaba mais. A maioria, crianças.

Eles vieram para Brasília em 1982, fugindo da seca que sempre assolou Juazeiro do Norte, no sertão do Ceará. Aqui, vivem mudando de uma invasão para outra.

Eles vieram da invasão do Buracão, onde foi construído o viaduto da Candangolândia, e ergueram seus barracos na favela do Núcleo Bandeirante. No local, vivem há cerca de quatro anos em condições precárias. Algumas moradias têm energia puxada de gambiarras.

A família de Damiana criou uma espécie de condomínio familiar fechado "para ter maior proteção", diz Maria de Fátima, 40 anos, filha mais velha da matriarca cearense. Ela tem dois filhos adolescentes e outros 26 sobrinhos menores. Sem contar os três que ainda vão nascer em breve.

Maria de Fátima sonha: "Seria bom se a gente tivesse um lote para construir nossa casinha". Sua esperança é a mesma dos nove irmãos. To-



**GENIVALDO e cinco de seus sete filhos: catando papel mesmo depois de atropelado**

dos dizem ter inscrição para moradia popular na Subsecretaria de Promoção à Moradia (Sumor), antigo Idhab.

Para viver, a família toda trabalha catando papel, lata e ferro velho nas ruas de Brasília. Foi num dia de trabalho, empurrando a carrocinha, que seu José se acidentou. Ele foi atropelado dia 1º de abril e nunca mais pôde trabalhar. "Agora, os filhos é que cuidam da gente", lamenta Damiana.

As histórias de vida das cerca de 30 famílias quem vive ali são bem parecidas. Todos vieram para Brasília fugindo da seca e da miséria, em busca de uma vida melhor. Que o diga a baiana Jucelita Antônia Almeida. Ela tem apenas 30 anos de idade e já está no sétimo filho.

Jucelita chegou à cidade em 1994. Foi aqui que ela conheceu o marido, Genivaldo Severino da Silva, 40 anos, um agricultor que preferiu catar papel nas ruas de Brasília a esperar que o céu mandasse chuva para a zona rural de Belo Jardim, em Pernambuco.

Como seu José, Genivaldo também foi atropelado enquanto trabalhava, há seis anos. "Fica difícil trabalhar assim", diz ele, apoiado nas muletas que o sustentam.

O barraco onde mora com Jucelita e os sete filhos é pequeno e abafado. Está mobiliado com uma cama de casal, um sofá velho de dois lugares e um fogão.

"Os meninos dormem em três colchões, no chão. No carrinho de bebê, dorme a

mais nova da turma, com apenas dois meses de vida.

Genivaldo conta que sustenta a duras penas a família: "Depois que eu fui atropelado a situação da gente piorou muito".

Todo o papelão que ele consegue recolher vende por sete centavos de Real o quilo. "Dá uns R\$ 180 a R\$ 200 por mês", contabiliza.

A família de Jucelita mora a poucos metros da "casa" do pernambucano José Lourival da Silva, 45, e de Helena Lima, 42 anos, que vieram de Petrolina, em Pernambuco, antigos moradores do Buracão.

Helena também diz que ainda espera conseguir um lote para "morar direito, sem um monte de lixo na porta de casa".